

COEXISTINDO COM PERSISTÊNCIA: UMA PEQUENA HISTÓRIA DA PRÁXIS ACADÊMICA DO CURSO DE GEOGRAFIA

Isorlanda Caracristi¹

Falar dos 10 anos do curso de Geografia tem para mim um significado pessoal muito importante e especial, que se configura através de dois aspectos fundamentais da história do curso: um de caráter mais específico, concernente ao grupo de professores que compôs/compõe o curso, e o outro, de caráter geral, referente à relação do curso com o contexto mais amplo da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e da cidade de Sobral.

Na verdade, em essência, os dois aspectos constituem apenas “diferentes escalas” de uma mesma realidade. A diferenciação se dá tão somente para realçar o significado histórico do curso. Por isso mesmo, a minha fala será sempre abordando essas duas perspectivas num contexto integrado de relações. Nesse sentido, tentarei dar a minha contribuição através de uma breve reflexão sobre o curso de Geografia e seu papel histórico.

O curso de Geografia da UVA foi concebido num contexto de grande efervescência política, em que a sociedade civil organizada se articulava em torno de um projeto político alternativo manifestado nacionalmente através da campanha presidencial. E esse clima de engajamento político e de expectativas de mudanças sociais tinha na época suas raízes nos núcleos de base partidária, nos movimentos sociais e sindicais, nas ONG's e nas associações profissionais, dentre elas a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB.

Nesse período, a AGB – Seção Fortaleza era uma das mais atuantes, formada por uma diretoria predominantemente de esquerda, por profissionais que em sua graduação participaram do movimento estudantil e abraçavam a bandeira “Por uma Universidade Pública, Gratuita e Democrática”.

Foi exatamente desse corpo associativo que proveio a maioria dos candidatos às vagas de Geografia oferecidas pelo concurso público para professor, aberto pela UVA em 1994. E esse mesmo perfil também se revelava em muitos candidatos a outras vagas.

Havia, na época, a diretriz na UVA para a criação de três novos cursos: Geografia, Administração e Zootecnia e de um “Campus Avançado de Pesquisa em Geologia”; daí as vagas também para geólogos. Este último não vingou por vários motivos internos e externos à Universidade, e os referidos profissionais integraram-se ao grupo de Geografia.

Geógrafos e geólogos se uniram em torno de um projeto mais amplo denominado “Casa da Geografia”. Um projeto que ia além da criação de um curso e visava a fundação de um projeto acadêmico interdisciplinar que pudesse atender não só às demandas internas à Universidade como à sociedade da região norte cearense, no que concerne às áreas de geografia e geociências. O projeto inicial previu a seguinte estrutura, mantida por vários anos e depois revisada: Curso de Geografia, Núcleo de Pesquisas Geológicas e Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais.

Constituiu-se, na verdade, no primeiro projeto de Instituto Acadêmico desenvolvido em nossa Universidade: um instituto que visava a articular, ao mesmo tempo, desenvolvimento científico, formação profissional gratuita e de qualidade e as demandas sociais regionais.

Porém, era um projeto audaz que só se consolidaria num contexto universitário democrático, descentralizador e não fisiológico. Por isso, das idéias e ideais iniciais apenas as referentes especificamente ao Curso de Geografia obtiveram êxito, na prática; as demais instâncias pensadas transformaram-se em estruturas complementares do próprio curso, assumindo ao longo do tempo o atual formato.

¹ Professora do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Doutoranda em Geografia Física – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH / Universidade de São Paulo – USP, sob a orientação do Prof. Dr. José Bueno Conti. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP.

Atualmente a denominação “Casa da Geografia” tornou-se simbólica, compondo não só o nosso imaginário acadêmico, como o da sociedade sobralense, que até hoje ainda se refere ao Campus III – Junco, como “A Casa da Geografia”, para o legítimo incômodo dos nossos colegas da História e das Ciências Sociais.

O curso de Geografia, desde o início, fez a diferença, e hoje compõe o diferencial coletivo partilhado por vários outros cursos. E por isso conseguiu transformar-se e manter-se como uma das referências acadêmicas que extrapola a comunidade universitária local.

Dentro desse viés memorativo, continuarei expondo algumas ações pioneiras e inovadoras que para mim demarcam concretamente a subjetividade criativa e subvertedora predominante em nosso curso, e que por isso eu gostaria de partilhar com todos:

- Enquanto estávamos na Betânia, fomentamos um pequeno movimento reivindicatório por melhoria de infra-estrutura, principalmente por um espaço adequado para o professor estudar e acomodar seu material bibliográfico. O resultado foi o primeiro gabinete de professores da UVA e a disseminação do germe de organização política que posteriormente gerou um amplo movimento docente e sindical, do qual sempre participamos ativamente, mas que infelizmente ainda não se consolidou de forma contínua e efetiva.
- Há dez anos todos os cursos se alojavam no campus da Betânia e circunvizinhança. Estar por lá era, para a maioria dos colegas, sinônimo de inserção no poder, símbolo de *status* político. Por não compartilhar desse sentimento, e na tentativa de adquirir mais autonomia e maturidade acadêmica e política, lutamos e conseguimos sair do *locus* central, indo nos estabelecer num velho, abandonado e distante prédio do DNOCS, numa área, na época, fora do perímetro urbano. O sacrifício do isolamento físico, numa época que nem mototáxi havia, foi superado pela sensação de liberdade. Surgiu assim a base para a fundação do Campus III – Junco, hoje o Centro de Ciências Humanas.
- Essa atitude tempestiva e lúcida fortaleceu nosso espírito de grupo, nosso sentimento de construção coletiva, fato fundamental que viabilizou a continuidade das fecundas concretizações precursoras que compõem a nossa história acadêmica. E assim, fomos pioneiros também no que se refere: à constituição de um colegiado de curso, introduzindo na nossa base universitária a prática democrática e descentralizadora das decisões; à implantação de uma biblioteca e de um auditório setoriais; à elaboração de um manual do estudante específico ao curso, de caráter informativo e pedagógico; à realização de um evento científico e cultural amplo envolvendo universidade, escolas de ensino fundamental e médio e os mais diversos segmentos do nosso município, a Semana do Meio Ambiente de Sobral; e à execução de uma revista acadêmica de cunho geográfico no âmbito das universidades cearenses. A Revista da Casa da Geografia foi o primeiro periódico científico da UVA. Sem falar no Jornal Espaço-Tempo, um boletim que ia além da informação objetiva.

Não se trata aqui de um discurso apológico e acrítico; muito pelo contrário, trata-se de pormos em evidência uma pequena parte da história da base acadêmica da UVA. A história da nossa Universidade tem que começar a ser contada assim, de ponta-cabeça, revelando a ativa participação daqueles que não compõem a cúpula executiva universitária.

Nada nos foi ou é dado gratuitamente. Nós é que determinamos e conquistamos o que queremos. Temos e somos pelo que pensamos e agimos. A nossa autocrítica deve ser nessa direção: de nos auto-avaliarmos continuamente através da ética vivenciada em nosso colegiado de curso e da nossa participação na construção de um projeto coletivo de universidade, projeto esse que jamais caberá ou será esgotado nas folhas de papel de um documento elaborado, pois seu conteúdo é criado e recriado incessantemente pela práxis acadêmica individual e comunitária.

O curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú tem muita coisa ainda para idealizar, repensar e lutar. A nossa história é uma história de persistências e complexas co-

existências. E ao contrário do que se possa imaginar, não somos formados por um grupo homogêneo e concordante de pessoas. Temos na composição da nossa práxis acadêmica princípios e visões profissionais discordantes. O nosso espírito de corpo não se constitui pelo consenso e sim pela difícil busca do co-evoluir na diversidade. Através da prática democrática do diálogo e do embate de idéias, vamos, ora afinados, ora desafinados, processando criticamente o ritmo da nossa história.